**Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ**

Departamento de Línguas e Literaturas

Equipe de Língua Portuguesa e Literaturas

Coordenador: Lucas Matos

Disciplina: Literatura

Professores: Adriana Gonçalves e Carlos Henrique Fonseca

Nome:\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ Turma:\_\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

 **APOSTILA 4: O AMOR NA POESIA ROMÂNTICA**

| **TEXTO I: “É ELA! É ELA! É ELA! É ELA!” – ÁLVARES DE AZEVEDO**É ela! é ela – murmurei tremendo,E o eco ao longe murmurou – é ela!Eu a vi minha fada aérea e pura –A minha lavadeira na janela!Dessas águas furtadas onde eu moroEu a vejo estendendo no telhadoOs vestidos de chita, as saias brancas;Eu a vejo e suspiro enamorado.Esta noite eu ousei mais atrevidoNas telhas que estalavam nos meus passosIr espiar seu venturoso sono,Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!Como dormia! que profundo sono!...Tinha na mão o ferro do engomado...Como roncava maviosa e pura!...Quase caí na rua desmaiado!Afastei a janela, entrei medroso;Palpitava-lhe o seio adormecido...Fui beijá-la... roubei do seio delaUm bilhete que estava ali metido...Oh! de certo... (pensei) é doce páginaOnde a alma derramou gentis amores;São versos dela... que amanhã decertoEla me enviará cheios de flores...Tremi de febre! Venturosa folha!Quem posasse contigo neste seio!E ela entre beijos murmurou-me: “adeus:”Passaram tempos... séc’los de delírioPrazeres divinais... gozos do Empíreo...... Mas um dia volvi aos lares meus.Partindo eu disse – “Voltarei!... descansa!...”Ela, chorando mais que uma criança,Ela em soluços murmurou-me: “adeus:”Quando voltei... era o palácio em festa!...E a voz d’Ela e de um homem lá na orquestraPreenchiam de amor o azul dos céus.Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!Foi a última vez que eu vi Teresa!...E ela arquejando murmurou-me: “adeus!” (In: *Espumas flutuantes*. São Paulo: Melhoramentos, 2012, p. 53)**TEXTO III: “MARABÁ” – GONÇALVES DIAS (fragmento)**Eu vivo sozinha; ninguém me procura! Acaso feitura Não sou de Tupá!Se algum dentre os homens de mim não se esconde: — “Tu és,” me responde, “Tu és Marabá!”— Meus olhos são garços, são cor das safiras,— Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;— Imitam as nuvens de um céu anilado,— As cores imitam das vagas do mar!Se algum dos guerreiros não foge a meus passos: “Teus olhos são garços,”Responde anojado, “mas és Marabá:“Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes, “Uns olhos fulgentes,“Bem pretos, retintos, não cor d’anajá!” | Como Otelo beijando a sua esposaEu beijei-a a tremer de devaneio...É ela! é ela – repeti tremendo;Mas cantou nesse instante uma coruja...Abri cioso a página secreta...Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!Mas se Werther morreu por ver CarlotaDando pão com manteiga às criancinhas,Se achou-a assim mais bela – eu mais te adoroSonhando-te a lavar as camisinhas!É ela! é ela! meu amor, minh’alma,A Laura, a Beatriz que o sol revela...É ela! é ela – murmurei tremendo,E o eco ao longe suspirou – é ela! (In: *Álvares de Azevedo: poesia*. Organização de Maria José da Trindade Negrão. Rio de Janeiro: Agir, 1984, p. 76-77)**TEXTO II: “O ‘ADEUS’ DE TERESA” – CASTRO ALVES**A vez primeira que eu fitei Teresa,Como as plantas que arrasta a correnteza,A valsa nos levou nos giros seus...E amamos juntos... E depois na sala“Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala...E ela, corando, murmurou-me: “adeus”.Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...E da alcova saía um cavaleiroInda beijando uma mulher sem véus...Era eu... Era a pálida Teresa!“Adeus” lhe disse conservando-a presa...— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,— Da cor das areias batidas do mar;— As aves mais brancas, as conchas mais puras— Não têm mais alvura, não têm mais brilhar. —Se ainda me escuta meus agros delírios: — “És alva de lírios”,Sorrindo responde, “mas és Marabá:“Quero antes um rosto de jambo corado, “Um rosto crestado“Do sol do deserto, não flor de cajá.”[...]\_\_ Meus loiros cabelos em ondas se anelam,— O oiro mais puro tem seu fulgor;\_\_ As brisas nos bosques de os ver se enamoram ,— De os ver tão formosos com o um beija-flor!Mas eles respondem: “Teus longos cabelos, “São loiros, são belos,“Mas são anelados; tu és Marabá:“Quero antes cabelos, bem lisos, corridos, “Cabelos compridos,“Não cor d’oiro fino, nem cor d’anajá.”E as doces palavras que eu tinha cá dentro A quem nas direi?O ramo d’acácia na fronte de um homem Jamais cingirei:Jamais um guerreiro da minha arazoia Me desprenderá:Eu vivo sozinha, chorando mesquinha, Que sou Marabá! (In: *Gonçalves Dias: poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, p. 371-372) |
| --- | --- |

* **CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR NA POESIA ROMÂNTICA:[[1]](#footnote-0)**

Como discutimos anteriormente em nossas aulas, o Romantismo foi um movimento artístico e literário que exaltou bastante as **expressões das subjetividades** – assim, o **amor** foi uma temática recorrente na literatura romântica. Nos poemas acima, a experiência amorosa é central para o sujeito poético, porém há algumas particularidades. Vejamos:

* O **texto I**, de Álvares de Azevedo, é contemporâneo ao que se denominou posteriormente como a **segunda geração da poesia romântica brasileira**. São traços comuns a essa geração um certo **pessimismo**, uma **intensa expressão da subjetividade** e a **idealização da mulher amada**, sempre distante, de forma que a concretização desse amor se torna **impossível**. O poema de Álvares de Azevedo, carrega muitos desses traços, mas há também a presença de uma **ironia** a respeito dessa figura feminina sempre idealizada e desse amor impossível, nunca concretizado.
* O **texto II**, de Castro Alves, é relacionado ao que ficou conhecido posteriormente como **terceira geração da poesia romântica brasileira**. Como vimos anteriormente, os poetas contemporâneos a essa geração foram bastante influenciados pelos **ideais abolicionistas**, abordando também muitas **temáticas sociais** em seus escritos. Além disso, uma outra renovação que promoveram foi no tratamento poético dado ao amor: enquanto a segunda geração da poesia romântica brasileira enveredava por essa extrema idealização da mulher amada e da experiência amorosa não concretizada, o **amor** no **texto II** é representado como **possível**, **concretizado**, sem a imagem da mulher amada como um “anjo” ou uma eterna virgem, ou seja, sempre distanciada.
* O **texto III**, de Gonçalves Dias, carrega um traço muito comum a toda literatura romântica: a expressão da subjetividade. Contemporâneo ao que se denominou posteriormente como **primeira geração da poesia romântica brasileira**, a experiência amorosa neste poema evidencia os traços que mais foram explorados por essa geração: **a exaltação da nacionalidade, do espaço brasileiro e o indianismo**. Assim, o sujeito poético – aliás, **em feminino**, herança intertextual das cantigas de amigo galego-portuguesas e marca singular dentro da poesia romântica brasileira – sofre por não corresponder ao ideal de beleza do **indígena como grande símbolo da nacionalidade**. Quando o interlocutor afirma que o sujeito poético em feminino não tem os traços necessários para vivenciar essa experiência amorosa, há também uma leitura de que **o amor, antes de tudo, deve ser direcionado ao ideal pátrio**.

**QUESTÕES:**

01) No **texto II**, há uma relação intrínseca entre a passagem do tempo e a experiência amorosa. **Explique** essa afirmativa.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

02) Como discutimos, o **texto III** é um poema contemporâneo ao **indianismo**, marca da primeira geração da poesia romântica brasileira. Com base nisso, responda:

a) Qual é a relação entre o **corpo** do sujeito poético e a **natureza**?

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

b) Ao longo do poema, o **interlocutor** (o homem amado) faz uma sequência de **comparações**. O que elas evidenciam?

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

03) Apesar de idealizar a mulher amada, o sujeito poético do **texto I** não deixa de **ironizar** a **experiência** **amorosa** ao longo do poema. **Explique** essa alternativa.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

04) Os textos de Álvares de Azevedo, Castro Alves e Gonçalves Dias tematizam a **experiência amorosa**. Assim, responda: quais as **semelhanças** e **diferenças** que podemos encontrar entre eles?

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1. Fonte consultada: Afrânio Coutinho. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. [↑](#footnote-ref-0)